

# O Método Analítico como Fator Unificador entre Teorias Múltiplas e Técnicas Distintas\*

*Luiz Carlos Mabilde\*\**

**Resumo:** Este trabalho discute, de início, o pluralismo psicanalítico dentro de sua história, correntes e escolas divergentes, as quais levaram a psicanálise a parecer um conglomerado confuso de teorias opostas e técnicas não complementares. Apresenta as tentativas de teóricos de unificar novamente a psicanálise em torno de uma única teoria clínica ou de abordagens técnicas convergentes – propostas não somente discutidas como rebatidas pelo autor ao sugerir diferenças importantes entre fato e observação clínica, bem como entre método e técnica. Definido com mais precisão – a partir de sua singularidade – como método psicanalítico, o trabalho finaliza ao propor a concepção multifatorial para explicar o pluralismo psicanalítico, bem como o método analítico como fator unificador da psicanálise atual.

**Palavras-chave:** Pluralismo. Método. Técnica psicanalítica. Teoria psicanalítica.

## 1. Introdução

Desde Freud (1895) e de seus *Estudos sobre a Histeria*, a trajetória da psicanálise, no que se refere à constituição de sua estrutura disciplinar, segue o mesmo preceito: “Há sempre uma técnica que configura uma teoria e uma teoria que fundamenta uma técnica”.

Em função disso, toda vez que suas observações clíni-

---

\* Trabalho apresentado na Conferência Internacional de Clínica Psicanalítica – Psicanálise: Singularidade e Diversidade – como parte da Mesa-Redonda “A Evolução da Teoria e Prática Psicanalítica: da experiência de Freud aos nossos dias”. Rio de Janeiro, novembro de 2006.

\*\* Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

cas – sobretudo aquelas resultantes da sua técnica aplicada – não correspondiam as suas teorias, modificava estas últimas, e não o contrário.

Um clássico exemplo será suficiente para tornar indubitável tal afirmação: Freud formula sua teoria sobre o estreitamento/alargamento da consciência, básica nos casos de histeria, depois de aplicar a técnica do hipnotismo e observar seus resultados (e não o contrário). Graças a esse procedimento, pôde evoluir para a técnica da pressão e da associação livre, as quais, por sua vez, permitiram novas teorias, tais como da repressão, etc.

Wallestrein (1988) sintetiza:

Freud foi tão prodigioso em seu trabalho que, caso contássemos somente com seus escritos, já teríamos os princípios fundamentais e a estrutura essencial de nossa disciplina, tanto em termos teóricos quanto técnicos (1988, p. 1).

Por outro lado, Freud também se esforçou ao máximo para manter a psicanálise unificada, o que incluía uma exigência de fidelidade por parte de seus seguidores. Prova disso é o que se conhece – relatado pelo próprio Freud (1914), em *História do Movimento Psicanalítico* – sobre o primeiro grupo de colaboradores próximos (Adler, Jung e Stekel), que discordaram dele em pontos fundamentais e deixaram a psicanálise. Mais tarde, foi a vez de Ferenczi e Rank divergirem de Freud, mas, em que pese as tensões provocadas, permaneceram na psicanálise.

Na década de vinte, com o movimento kleiniano, surge a primeira nova direção teórica importante dentro da psicanálise de Freud, que lutou para manter sua identidade como descendente direta de Freud, ao alegar ser a pedra fundamental de seu desenvolvimento teórico-conceitual o instinto de morte de Freud.

Klein representou o começo de uma transição gradual da psicanálise, que passou de uma estrutura teórica acabada e unificada para uma diversidade cada vez maior.

Quer dizer, são diferentes explicações metapsicológicas para os mesmos fatos clínicos, as quais, uma vez sistematizadas e publicadas, transfor-

mam-se em teorias independentes e com numerosos adeptos, a ponto de constituírem grupos ideológicos e políticos organizados.

Hoje, em todo mundo, coexistem, uma ao lado da outra, a *escola americana da psicologia do ego* (e ainda a da *pós-psicologia do ego*), a *kleiniana*, a *bioniana*, a *da relação de objeto* (britânica), que, às vezes, restringe-se à *winnicottiana*; há ainda a *lacaniana*, a *psicologia do self*, etc.

Não é sem razão, portanto, que uma das características marcantes da psicanálise atual é o seu pluralismo de perspectivas teóricas, de convenções lingüísticas e de pensamento, matizadas de forma distinta de acordo com a região, cultura e idioma.

## 2. Pluralismo como Questão Aberta

Tal pluralismo – para muitos – implica a quebra de paradigmas e a fragmentação das concepções analíticas, porém não param aí, com esses pontos de vistas teóricos distintos, as divergências entre nós. Temos de considerar ainda grupos discordantes no que se refere à condição heurística da psicanálise, isto é, ao problema do seu *status* científico.

Há os alinhados com a idéia de que a psicanálise é uma ciência natural, buscando, portanto, a evidência e a validação de seus processos de inferência e predição segundo os predicados das ciências empíricas, ainda que seja forçoso concordar com a natureza subjetiva de seus dados primários. Entre os analistas contemporâneos estão Ahumada, Blum, Brenner, Etchegoyen, H. Segal, Hanly, Rangell, etc.

Outro time – formado por George Klein, Gill, Spence, Roy Schafer, Home – considera a psicanálise uma disciplina puramente interpretativa, voltada para os significados da conduta humana, quer dizer, uma disciplina hermenêutica.

Home (1966) apresenta um cabal argumento que resume a posição desse grupo: Freud, ao descobrir que um sintoma possui um significado, trasladou a psicanálise do mundo das ciências naturais para o das humanidades, já que um significado não é produto de uma causa e, sim, a criação de um sujeito.

Dentro da própria psicanálise, surgiram mais críticas contra a sua cientificidade: Seitz (1966), Rappaport (1960), Glover (1952), Holt (1989), Klauber (1968) criticaram a excessiva confiança e a falta de controle efetivo (empírico) sobre as interpretações, bem como a metapsicologia como um todo.

Seja como for, após a morte de Freud, em 1939, a psicanálise viu-se dentro de uma dialética inevitável: por um lado, a tentativa de manter a unidade teórica; por outro, a busca de acomodar perspectivas teóricas divergentes dentro de um marco definatório mais elástico.

Na verdade, ambas as correntes se desenvolveram, sendo a da *unidade* mais nos Estados Unidos e a da *diversidade* mais na Europa e América Latina.

A primeira tenta livrar a psicanálise de seus elementos metafóricos, antropomórficos e metafísicos, a fim de colocá-la em pé de igualdade com as ciências naturais. Já a segunda faz justamente o contrário: busca liberar a psicanálise da *angústia* de tentar ser o que não pode ser.

Nesse sentido, o movimento hermenêutico representa uma resposta às dificuldades cruciais da psicanálise de obter credibilidade como ciência natural frente ao ataque dos filósofos da ciência, tais como Hook (1959) e Popper (1963).

Do ponto de vista evolutivo, fruto dessa polêmica, três tendências evoluíram até nossos dias e, cada uma a seu modo, busca unificar de novo a psicanálise:

Os *naturalistas* procuram restabelecer a ordem por meio da idéia de que temos uma segunda teoria – a *teoria clínica* –, a qual, ao contrário da primeira (a *teoria geral*), estando mais próxima de um consenso entre os analistas, teria a propriedade de agrupar a todos.

Parte dos hermeneutas – os *hermeneutas-clínicos* – sustenta que a teoria clínica é convincente e aplicável à prática interpretativa, desde que a teoria geral seja erradicada do contexto disciplinar.

Finalmente, os *hermeneutas puros*, os quais são totalmente dedicados a uma psicanálise compreensiva e não-explicativa, desprezando, portanto,

qualquer forma de unificação. Quer dizer, concordam com Lorenzer (1977, p. 23): “[...] a interpretação psicanalítica não formula uma hipótese a ser testada e, sim, encerra uma *gestalt*”.

Thoma e Kachele (1989) contestam a evidência de Lorenzer, ao assinalarem que a mesma repousa apenas na observação sobre o analista. Como tal, ao acrescentarem também a referente ao paciente, remontam a questão ao *princípio de múltipla função*, de Walder (1936), e adotam uma posição equidistante, definida na afirmação de que qualquer investigação sobre a situação analítica deverá referir-se tanto à compreensão quanto à explicação.

Nessa linha, Etchegoyen (2006) faz interessante observação: a hermenêutica está no analista e a ciência natural no paciente.

Seja como for, Freud estava seguro de que o inconsciente era parte da natureza e que ele havia descoberto uma forma de explorá-lo. Era, também, taxativo sobre o que considerava psicanalítico. Disse ele:

Qualquer linha de investigação que admita a transferência e a resistência e as tome como ponto de partida em seu trabalho tem o direito de se chamar Psicanálise. Porém, se se aparta dessas premissas dificilmente poderá subtrair-se da acusação de ser um usurpador, que busca mimetizá-la (FREUD, 1914, p. 26).

Como se observa, Freud estava muito mais preocupado com eventuais usurpações da psicanálise – por meio de métodos não analíticos – do que propriamente em definir o *status* científico do seu conjunto de explicações sobre fenômenos fisiológicos e patológicos do desenvolvimento humano. Ademais, não só não foi além da declaração acima sobre o inconsciente como parte da natureza, como, em inúmeras passagens de sua obra, foi eminentemente hermenêutico.

### 3. Teoria Geral, Teoria Clínica: uma torre de papel

Em trabalho anterior (MABILDE, 1993), discuto ter Freud desenvolvido, em seqüência histórica, quatro temas teóricos:

- 1º) a explicação das neuroses;
- 2º) a explicação dos processos oníricos;
- 3º) a explicação do desenvolvimento psicosexual;
- 4º) a explicação da estrutura adaptativa do ego e das relações de objeto.

Esses temas foram revistos por Freud até formarem a *teoria psicanalítica*, nossa teoria geral.

A esse conjunto teórico – como vimos – foram acrescentadas contribuições e desenvolvimentos escritos de tal monta e diversidade, cujo resultado comporta perfeitamente o epíteto *Torre de Papel*, numa clara alusão à magnitude do tamanho e das dificuldades impostas por ela.

Confirmando essa impressão, trago a declaração de Etchegoyen (2006, p. 8): “[...] nosso pluralismo é bom porque implica uma posição aberta e não arrogante, porém é mau porque pode levar à confusão ou a acordos apenas convencionais ou retóricos”.

A tentativa de sair desse labirinto teórico tem tomado duas direções distintas, sendo a primeira – como vimos – a adoção da *teoria clínica*, de G. Klein (1966, 1976), como o nosso *campo comum*, conforme proposição de Wallestrein (1988). Mais recentemente, Kernberg (1993, 1994) apresentou uma outra direção, que vamos ver adiante.

Os defensores da *teoria clínica* presumem que os analistas fazem um trabalho clínico *comparável*, obtêm resultados clínicos *comparáveis* e em pacientes igualmente *comparáveis*. No caso, o termo *comparável* é compatível com a sugestão de Schafer (1985) de re-examinar os diferentes sistemas teóricos desde a perspectiva de cada sistema (análise comparativa) e, desse modo, estabelecer semelhanças e diferenças entre eles. A conclusão é que temos uma só teoria clínica e várias metapsicologias.

A minha conclusão é diferente, quer dizer, não só me identifico com as posições de Etchegoyen (2006) e de Green (2005) – respectivamente, a de que essa conclusão é *discutível* e de que ela não passa de *bons desejos* –, como também não vejo como equivalerem dados da inteiração de consultório, de diferentes analistas, inclusive com técnicas distintas, com uma

única teoria (ainda que de baixo nível). Explica-se isso, porque, por um lado, tais dados estão próximos da experiência e porque, por outro, em princípio, compartilham alguns conceitos da teoria da técnica, tais como conflito, transferência, resistência, defesa, contratransferência.

Na minha visão, ainda que bem intencionados, os defensores da teoria clínica incorrem em três erros de perspectiva:

1º) confundem dados observáveis com dados comprováveis, afinal, até a astronomia – que se baseia altamente na observação (como faz a Psicanálise) – precisa comprovar suas teorias;

2º) praticam o reducionismo, por um lado, e a generalização, por outro, possível resultado de equivaler clínica com teoria;

3º) ao transformar uma teoria de baixo nível em uma outra de alto nível – o que é a implicação direta da hipótese formulada –, comprometem a possibilidade de expansão da teoria psicanalítica propriamente dita, a metapsicologia.

Por exemplo, não se poderia ir mais longe com o conceito de inconsciente, já que este passaria a ser substituído, por assim dizer, pelo de conflito, transferência, resistência, etc. Além disso, praticado por todos, e do mesmo jeito, tomaria um perfil descritivo, perdendo seu caráter dinâmico, isto é, ficaria como se, por exemplo, a ordem hipnótica fosse a teoria central da hipnose.

#### 4. Diferenças entre Método e Técnica

Kernberg (1994) pensa que as abordagens técnicas são ainda mais próximas de um consenso do que a teoria clínica. Como se vê, aqui se tem uma nova tentativa de unificar a psicanálise em torno de um eixo central, convergente e consensual.

Basicamente, o autor defende essa idéia ao nos remeter a um outro trabalho seu, de 1993, intitulado *Convergências e divergências na técnica psicanalítica contemporânea*. Mas, curiosamente, neste último, não explica a sua conclusão, o que parece indicar que ela está implícita no fato de haver encontrado abordagens técnicas convergentes entre os analistas, ain-

da que também tenha detectado decididas divergências – ocorrência que fala contra o alegado consenso.

Acredito que Kernberg incorre em erro semelhante ao de Wallestrein, isto é, dada a sua boa intenção de resolver o problema da *torre de papel*, confunde a observação clínica – por exemplo, da transferência – com a aplicabilidade de uma *ou mais* técnicas que procuram evidenciar para o paciente.

Eu disse: *uma ou mais técnicas*, o que corresponde à falta de consenso nas respectivas abordagens, ainda que se refiram ao mesmo fenômeno observável. Meu contraponto a Kernberg encontra apoio também na argumentação de Green (2005a), para quem a clínica não está sujeita à falsificação; a falsidade que comporta se verifica ao longo da experiência. Quer dizer, o problema surge, dentro do processo analítico, no momento da prática.

Um exemplo (BERNARDI, 1990) poderá ajudar: três analistas – de diferentes orientações, a saber: um freudiano, um kleiniano e um bioniano – interpretam o mesmo sonho de uma paciente, ao começar sua análise, no qual ela se encontra em um globo branco, luminoso, em cima do mar; ela tem, em suas mãos, um pacote de dinheiro, herança de sua mãe, que cai ao mar; ela se atira no mar negro, porém não consegue nadar.

O freudiano interpreta o problema da identificação com a mãe arcaica; o kleiniano considera a relação com o objeto parcial idealizado; e o bioniano hierarquiza a carência da mãe em sua capacidade de *rêverie*.

Como se pode constatar, essas distintas interpretações surgem de uma amálgama entre elementos oriundos da paciente e elementos pré-existentes nos analistas, tais como premissas metapsicológicas e teorias clínicas próprias, levando-os a abordagens técnicas diferentes.

Outro equívoco de Kernberg, na minha maneira de ver, é o de confundir técnica com método analítico – tema, aliás, que muito tem me interessado, inclusive, agora, para efeito da conclusão deste trabalho.

Em trabalho anterior (MABILDE, 2006), *Método Analítico: Freud na*



*Atualidade*, defendendo a posição de que existem diferenças semânticas e conceituais entre método e técnica analítica.

Por método, entende-se um meio para se atingir um objetivo, enquanto técnica designa um conjunto de procedimentos para se realizar uma tarefa. Se o primeiro diz qual o caminho a ser tomado, o segundo indica o que precisamos fazer durante o trajeto. Como se vê – embora sutil – há uma diferença presente.

Para o próprio Freud (1893) – ao que parece –, também eram coisas distintas, daí usar o termo método praticamente só uma vez, isto é, ao definir o modo da psicanálise atuar sobre os processos mentais e usar o termo técnica – em detrimento a método – sempre que precisou caracterizar ações terapêuticas distintas (técnica da pressão, da associação livre, etc.). Quer dizer, descoberto o modo, o jeito de influenciar os fenômenos histéricos, doravante era preciso aperfeiçoá-lo por meio de novas técnicas.

Assim, considero método aquilo que é o específico, singular, idiossincrático de a psicanálise atuar, e técnica a sua aplicação. Daí se pode falar em uma psicanálise de crianças, de adultos, de casais, de família, de psicanálise aplicada, já que, embora usem técnicas diferentes, seguem todas sendo chamadas de psicanálise, pois usam o mesmo método.

O que é o nosso método?

Freud definiu a psicanálise como sendo:

- 1º) um método de investigação do inconsciente;
- 2º) um método de tratamento;
- 3º) um conjunto de teorias sobre o funcionamento mental normal e patológico.

Como se nota, o próprio Freud colabora, em parte, para a aparente ambigüidade do termo, ao usá-lo – nessa passagem – tanto como uma inserção epistemológica em relação à vida mental quanto como um instrumento técnico que nos permite atuar clinicamente dentro do processo analítico.

No entanto, se observarmos o quadro com mais rigor conceitual, podemos concluir não ser a teoria o específico da psicanálise, pois existem

várias teorias; o mesmo se aplica ao método de tratamento, já que lhe falta coerência interna (verossimilhança) para alcançar a prerrogativa da especificidade, da unidade, já que tratamentos usam técnicas e estas são muitas. Resta-nos a investigação do inconsciente. Aqui, sim, encontra-se o que cria o ato analítico, em sua singularidade, dando-nos um lugar específico em sua investigação e uma posição privilegiada em sua equação.

### 5. Considerações Finais

Para mim, o que temos realmente em comum como analistas, capaz de nos reunir em uma unidade, é o método analítico, tal como foi considerado neste trabalho, isto é, a nossa singular atitude em relação ao inconsciente.

De fato, não parece muito, mas, perante tantas variáveis teóricas e técnicas, parece-me confortável contar com algo fixo.

Aliás, se examinamos as duas maiores conquistas contemporâneas da psicanálise, a saber, a *intersubjetividade*, que tem por base o conceito do *terceiro analítico intersubjetivo*, de Ogden (1996), preconizado pelo conceito de *objeto analítico*, de Green (1975), bem como a *figurabilidade*, dos Botelhas (1983, 2003), cuja base também remonta a Green (1973) e ao seu conceito de *alucinação negativa*, o que constatamos?

Notamos que eles seguiram o método, concentraram-se na metodologia analítica, a qual, no dizer de Green (2005b), procura alcançar um saber objetivo sobre a subjetividade e, por intermédio desta última, sobre a realidade psíquica.

Quer dizer, essas realidades psíquicas são impregnações inconscientes, quer sob a forma de representações e de afetos reprimidos, quer sob a forma do irrepresentável, isto é, aquilo que, embora apartado, cindido das associações e de toda transação psíquica, conserva sua eficácia para produzir efeitos.

Assim sendo, não importa que metapsicologia, teoria clínica ou abordagem técnica cada um de nós adota, até porque elas são muito distintas entre nós. O importante é o nosso método voltado para as prerrogativas inconscientes, o qual, por ser comum, leva-nos a resultados previsíveis,

sem obliterar, sem engessar nossa prática baseada nos dados clínicos que nos conduz a hipóteses teóricas.

### **The Analytic Method as a Unifying Factor between Multiple Theories and Distinct Techniques**

**Abstract:** The author discusses, in the first place, psychoanalytic pluralism within its history and the divergent currents and schools that have led psychoanalysis to seem a confused conglomerate of opposite theories and non-complementary techniques. Next, he presents the attempts of theoreticians to once more unify psychoanalysis around a single clinical theory or around convergent technical approaches – proposals not only discussed but also refuted by the author when he suggests important differences between fact and clinical observation, as well as between method and technique. In defining the analytic method more accurately from its singularity, the author concludes by proposing the multifactorial conception to explain psychoanalytic pluralism, and the analytic method as the unifying factor of current psychoanalysis.

**Keywords:** Pluralism. Psychoanalytic method. Technique and theory.

### **El Método Analítico como Factor Unificador entre Teorías Múltiples y Técnicas Distintas**

**Resumen:** Este trabajo discute, de inicio, el pluralismo psicoanalítico dentro de su historia, corrientes y escuelas divergentes, las cuales llevaron al psicoanálisis a parecer un conglomerado confuso de teorías opuestas y técnicas no complementares. Presenta, a seguir, los intentos de teóricos de unificar nuevamente el psicoanálisis sobre una única teoría clínica o de abordajes técnicos convergentes, propuestas no solamente discutidas sino rechazadas por el autor al sugerir diferencias importantes entre hecho y observación clínica, así como entre método y técnica. Definido con más precisión – a partir de su singularidad – método analítico, el trabajo finaliza al proponer la concepción multifactorial para explicar el pluralismo psicoanalítico, así como el método analítico como el factor unificador de psicoanálisis actual.

**Palabras-clave:** Pluralismo. Método. Técnica psicoanalítica. Teoría psicoanalítica.

### **Referências**

- BERNARDI, R. Teorías e Investigación en Psicoanálisis: arte y ciencia. In: JORNADAS DE EPISTEMOLOGÍA Y PSICOANÁLISIS, mayo de 1990, Montevideo. **Jornadas...** Montevideo: Asociación Psicoanalítica del Uruguay, 1990.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. Notes Cliniques sur la Figurabilité et

- l'Interpretación. **Revue Francaise de Psychanalyse**, Paris, t. 3, p. 765-776, 1983.
- \_\_\_\_\_. Figurabilidade e Regrediência. **Revista Psicanálise SPPA**, v. X, n. 2, 2003.
- ETCHEGOYEN, R. H. Sigmund Freud, un Siglo y Medio Después. **Revista de la Sociedad Colombiana de Psicoanálisis**, Bogotá, v. 31, n. 4, 2006.
- FREUD, S. (1893). Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 2.
- \_\_\_\_\_. (1895). Estudos sobre a Histeria. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 2.
- \_\_\_\_\_. (1914). História do Movimento Psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 14.
- GLOVER, E. **Research Methods in Psychoanalysis**. New York: Univ. Press, 1952.
- GREEN, A. **Le Discours Vivant**. La conception psychanalytique de l'affect. Paris : Presses Universitaires de France, 1973.
- \_\_\_\_\_. The Analyst, Symbolization and Absence in the Analytic Setting. **International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v. 56, p. 01-22, 1975.
- \_\_\_\_\_. **La Causalidad Psíquica**. Entre naturaleza y cultura. Buenos Aires: Amorroutu, 2005a.
- \_\_\_\_\_. The Illusion of Common Ground and Mythical Pluralism. **International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v. 86, p. 627-632, 2005b.
- HOLT, R. R. The Death and Transfiguration of Metapsychology. **International Review of Psycho-Analysis**, London, v. 8, p. 129-143, 1989.
- HOME, H. J. The Concept of Mind. **International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v. 47, p. 42-49, 1966.
- HOOK, S. **Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy: a Symposium** Grave. New York: New York University Press, 1959.
- KERNBERG, O. Convergences and divergences in contemporary psychoanalytic technique. **International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v. 74, p. 659-673, 1993.
- \_\_\_\_\_. Validação no Processo Clínico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 28, p. 797-809, 1994.
- KLAUBER, J. On the Dual Use of Historical and Scientific Method in Psychoanalysis. **International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v. 49, p. 80-88, 1968.
- LORENZER, A. **El Lenguaje Destruído y la Interpretación Psicoanalítica**. Buenos Aires. Amorroutu, 1977.
- MABILDE, L. C. A Psicanálise no Século XXI. CONGRESSO BRASILEIRO

DE PSICANÁLISE, XIV, 1993, Rio de Janeiro. **Congresso...** Rio de Janeiro: SBPRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. **Método Analítico:** Freud na atualidade. 2006. Trabalho apresentado em Mesa Redonda na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 04 de agosto de 2006.

OGDEN, T. **Os Sujeitos da Psicanálise.** Casa do Psicólogo: São Paulo, 1996.

POPPER, K. R. **Conjectures and Refutations:** the growth of scientific knowledge. New York: Basic Books, 1963.

RAPPAPORT, D. **The Structure of Psychoanalytic Theory:** a systematizing attempt. New York: New York University Press, 1960.

SEITZ, P. F. D. The Consensus Problem in Psychoanalytic Research. In: GOTTSCHALK, L. A.; AUERBACH, A. H. **Methods of Research in Psychotherapy.** New York: Century-Crofts, 1966.

SCHAFER, R. Wild Analysis. **Journal of the American Psychoanalytic Association,** New York, v. 65, p. 232-233, 1985.

THOMÁ, H.; KÄCHELE, H. **Teoría y Práctica del Psicoanálisis.** Barcelona: Herder, 1989.

WALDER, R. The Principle of Multiple Functions. Observations on over-determination. **The Psychoanalytic Quarterly,** New York, v. 6, p. 45-62, 1936.

WALLESTREIN, R. S. Un Psicoanálisis o Muchos? **Libro Anual de Psicoanálisis,** Buenos Aires, 1988.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

**Luiz Carlos Mabilde**

Rua Tobias da Silva, 99/303

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

Fone: (051) 3222-2159

E-mail: mabilde@terra.com.br